### FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

232

INSCRIÇÕES 805-807



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2022

#### ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a: fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



### FRAGMENTO DE ESTELA FUNERÁRIA DE SAMIL, BRAGANÇA

(civitas Zoelarum, conventus Asturum, Hispania citerior)

Cerca de 1985, um fragmento de estela funerária de granito, de época romana, foi identificado por José Albino Celas num imóvel que foi propriedade do seu avô materno, Albino José Carvalho, na aldeia de Samil. O edifício localiza-se no setor norte da povoação, na rua do Fundo do Povo (coordenadas geográficas: 41° 46′ 38.08″, 6° 45′ 22.49″; altitude: 743 m) e funcionou como adega e forno. A peça encontrava-se a um canto, no seu interior, sem que se lhe conhecesse uso recente. Coloca-se a possibilidade de ter servido de calço, dada a sua configuração.

A sua existência foi comunicada a um dos signatários [AR], que a observou na casa do achador, na rua do Turismo, em Bragança, tendo recebido a incumbência do seu depósito no Museu do Abade de Baçal, onde dará entrada<sup>1</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Uma versão mais desenvolvida do presente estudo, intitulada *De um fragmento epigráfico ao mundo funerário romano do nordeste Transmontano*, foi preparada para as I Jornadas de Iniciação Científica da FLUC, que decorreram no dia 25 de junho de 2021, tendo os autores constituído uma das equipas de investigação participantes. Aproveitamos o ensejo para agradecer penhoradamente a abnegada atitude do sr. José Albino Celas e as facilidades concedidas para o reconhecimento e estudo inicial da peça. Agradecemos, igualmente, o apoio do Dr. José Luís Madeira e da Dra. Clara André.

O seu contexto original é desconhecido, mas é admissível a relação com algum dos arqueossítios de época romana do território adjacente ao aglomerado rural. O mais próximo é um povoado conhecido como Castrillhão de Samil, com eventuais vestígios de romanização, segundo a bibliografia mais antiga², mas, nesta freguesia, os registos de outras epígrafes de época romana têm correspondência com a quinta de São Lourenço (*ibidem*, p. 128, nº 127; *ERRB* 107 e 113), mais distante do aglomerado atual.

O fragmento apresenta formato trapezoide ([25]x[17,5] x11,5 cm) por se encontrar recortado em todos os lados, sendo apenas originais as superfícies das faces anterior e posterior. Nesta é observável um acabamento a pico e algum desgaste recente. Na anterior, conserva-se parcela do canto inferior esquerdo do campo epigráfico ([10]x[10] cm) rebaixado e vestígio de um registo decorativo imediatamente abaixo e igualmente em rebaixe. Trata-se de vestígio de arcaria, cingido a um único arco de configuração ultrapassada decorrente da estilização dos capitéis.

O texto conservado encontra-se reduzido ao início das duas últimas linhas.

Altura das letras (cm): 1. 2: 3,5/3,8;

Margem superior (cm): –; margem inferior (cm): 2; margem esquerda (cm): 0,3/0,6; margem direita (cm): –. Espaços (cm): 1: 0,6/1,1

A superfície epigráfica conservada é diminuta e o texto aparenta seguir alinhamento à esquerda, reconhecendose ser menos habitual a paginação em caixa neste contexto geográfico.

As letras, incompletas na linha superior, são capitais

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Lemos, Francisco Sande, *O povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*. Braga: Universidade do Minho, 1993 (tese de doutoramento policopiada), IIa, p. 128-129, nº 128.

comuns, com sulco de gravação arredondado. Das intactas, o A apresenta haste direita encurvada na extremidade superior. que ultrapassa ligeiramente o encontro com a esquerda, sendo o travessão central resumido a um ponto; o N mostra inclinação para a frente, sendo as hastes esquerda e intermédia praticamente um decalque das do A. São um C e um I as primeiras letras incompletas, sendo a terceira um L ou um F. antecedida por espaço interliteral major que o antecedente. Esta particularidade pode indiciar que na primeira linha estamos perante o final de uma palavra e uma abreviatura, mas não podemos ignorar que tal resulte simplesmente de uma paginação menos regular. Nesse caso, o CI poderia corresponder ao final de uma palavra, supostamente um genitivo que bem poderia ser de um patronímico ou de uma libertinatio, pelo que, nesta hipótese, poderia seguir-se uma abreviatura de *filius/-a* ou de *libertus/-a*, apontando para estatuto peregrino ou libertino. Genitivos antroponímicos como Albuci, Apilici, Canci, Flaci, Luci, Mabuci, Marci, Pitilici, Secci ou Sulpici, entre outros, são viáveis para uma restituição por ocorrerem na região (cf. ERRB)<sup>3</sup>. Mas. no caso de se considerar apenas a irregularidade dos espaços interlineares, estar-se-ia em face do início de um antropónimo. plausivelmente um patronímico, ou até um cognome – ainda que sejam menos representadas as nomenclaturas quiritárias na epigrafia da região bragançana – considerando que as letras da última linha semelham corresponder a abreviatura do genitivo annorum. Acolhe-se estoutra hipótese como a mais plausível. Nomes como Cilius, Cilurnus ou Cilacilius estão atestados na região (cf. ERRB), sendo eventuais possibilidades para uma restituição antroponímica. No que respeita à segunda linha, conteria a idade de falecimento, seguindo-se à abreviatura de annorum o numeral que lhe corresponderia. O epitáfio poderia, inclusive, terminar com a fórmula STTL (sit tibi terra leuis), ocorrente nas estelas da região de Braganca, dependendo da

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> A contração do -ī desinencial do genitivo singular com o -ĭ do radical ocorre regularmente na epigrafia regional (REDENTOR, Armando, *Epigrafia romana na região de Bragança*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2002 (= *ERRB*), p. 210.

extensão do numeral e do espaço sobrante.

A partir dos registos observáveis no fragmento é-nos possível propor o seu enquadramento na variante a) do tipo IV das estelas funerárias romanas da região de Bragança (ERRB, p. 196-205), para cuja definição concorrem critérios morfológicos e textuais. Este tipo é caracterizado por enquadrar peças com estrutura decorativa tripartida, em que o campo epigráfico assume formato subcruciforme, a cabeceira acolhe roda de raios curvos dentro de campo ultrasemicircular rebaixado e o registo inferior agrega dois ou três arcos, representando arcaria. Maioritariamente, os epitáfios deste tipo estão encabeçados pela dedicatória aos Manes, pelo que se conjetura o seu desenvolvimento ao longo do século II e da primeira metade do III.

Em função de exercício de restituição hipotética, realizado com base em estela deste tipo (*ERRB* 66), é admissível que o campo epigráfico acolhesse mais duas linhas de texto. Assim, será de admitir, tendo por base a estrutura dos epitáfios da região e, de maneira particular, a dos associados a este tipo de estela, que a linha anterior ao texto conservado fosse reservada para o nome do defunto ou defunta e que a primeira acolhesse a consagração aos deuses Manes, decerto abreviada em DM e enquadrada com o eixo de simetria do campo.

Ana Sofia Borges
Betina Menegati Girardello
Armando redentor



Fig. 1 - Fragmento de estela. Vista frontal  ${\mathbb C}$  A. Redentor.



Fig. 2. Fragmento de estela. Vistas laterais e posterior © C. André.



Fig. 3. Fragmento de estela. Vistas do topo e da base © C. André.

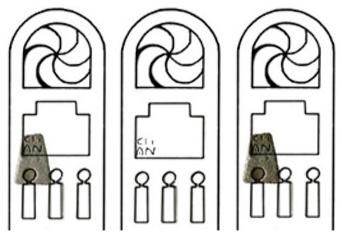


Fig. 4. Proposta de reconstituição da estela  $\mathbb C$  A. S. Borges e B. Girardello.

## ARA ROMANA DE PERBES (Conventus Lucensis)

En la casa que fue propiedad de Manuel Fraga Iribarne, en la playa de Perbes (Miño, A Coruña) se encuentra una pequeña ara romana muy deteriorada. Está colocada en el patio de entrada, adosada a la pared exterior de la fachada principal de la casa (Fig. 1), si bien la familia, a quien agradecemos su colaboración en este estudio, ha manifestado su intención de cederla a un museo. Se ignora tanto su procedencia como cuáles fueron las circunstancias que la llevaron allí. El contexto arqueológico de la comarca es relativamente escaso en restos de época galaico-romana (suponiendo que proceda de la zona), y la piedra debió de ser donada o regalada al citado anterior propietario de la casa hace ya muchos años porque no se sabe desde cuando está allí depositada.

La piedra, con tonos rojizos, es de un grano muy fino, que casi se meteoriza al tocarla; una parte de la pieza, en su parte frontal y lateral derecha, está cruzada por una veta más rojiza, quizás silícea (Fig. 2). Las dimensiones del ara son 76 cm de altura, 43 cm de ancho (en su cabeza) y 41,5 cm de fondo (en su cabeza). Los dos baquetones o molduras superiores, ligeramente sobresalientes, miden 16 cm de altura, pero, en su parte posterior, o bien no existieron o no

se conservan. En su parte superior, el ara presenta un hueco de forma aproximadamente semiesférica con un orificio de salida en su parte posterior (Fig. 3). Si en su origen llegó a tener un *foculus*, éste fue ampliado y deformado para usarse posteriormente con otra función, tal como muestra el desgaste de la piedra, quizás para servir de pileta, de cenicero o similar. En la parte inferior conserva 4 baquetones o molduras, claras pero irregulares, que sirven de pie o base del ara y que miden un total de 17 cm de altura.

El campo epigráfico, con espacio para un total de cinco líneas, mide 31 cm de ancho y 44 cm de altura y, como ya hemos dicho, está cruzado por una veta rojiza. La inscripción es prácticamente ilegible por el gran desgaste de la piedra. Sólo es posible apreciar en la última línea una X (de  $\pm$  6,5 cm. de altura) como segunda letra, lo que podría interpretarse como un EX (¿de EX VOTO?) y quizás una dudosa V (?) al final de la línea.

FELIPE ARIAS VILAS
Mª DOLORES DOPICO CAÍNZOS











## ALTAR A I.O.M. DE A-DOS-FRANCOS (CALDAS DA RAINHA)

(Conventus Scallabitanus)

Altar de mármore rosado da região (Fig.1), já com bastante pátina, identificado em 2018, na capela do cemitério de A-dos-Francos, freguesia de A-dos-Francos, concelho de Caldas da Rainha, distrito de Lisboa. A descoberta foi realizada por altura de trabalhos de prospeção arqueológica realizados pelo projeto plurianual de acrónimo CARACARA.

A epígrafe encontra-se embutida numa parede de uma capela, por baixo de um altar de pedra do período contemporâneo, composto por nicho central, lateralizado por duas colunas (Fig. 2). A informação oral registada dos habitantes locais apontam-na como proveniente da descoberta, durante os anos 70, após um incêndio da antiga capela. Terá sido deixada na zona onde foi descoberta na altura.

O monumento tem molduras nas três faces visíveis, sendo que se pressupõe que também teria na zona traseira, como é comum nas aras romanas. Encontra-se fraturado na base, tendo destruída parte da inscrição.

Dimensões: 86,3 x 56,7 cm. (Não é possível obter a medida da espessura, uma vez que se encontra encastrada no próprio altar).

Campo epigráfico: 45 x 42,1 cm.

IOVI / OPTIMO / MAXIMO / Q(uintus) · CASSIVS / <sup>5</sup> CASSIANVS / A(nimo) L(ibens) [V(otum) P(osuit)]

A Júpiter Óptimo Máximo. Quinto Cássio Cassiano colocou de livre vontade.

Alt. das letras: 1. 1: 7; 1. 2 a 6: 6,1/6,9. Espaços: 1: 1,1/1,4; 2: 1,3/1; 3: 1,5/1,2; 4: 1,1/1,5; 5: 1,7.

Na linha 1, as letras foram gravadas espaçadas para ocuparem toda a largura, obedecendo aí à paginação segundo eixo de simetria. Nas demais, o *ordinator* optou pela paginação em caixa, inclusive (supomos) na última linha, de que se perdeu o ângulo direito.

Caracteres actuários, da 1ª metade do século I, requintadamente gravados com goiva: veja-se o caso do O de IOVI, bem circular e com sulco de largura graciosamente desigual para favorecer o claroescuro. P aberto; M amplo; X e S simétricos; Q, A e O esguios.

Na l. 5, a fractura levou parte das três últimas letras, mas a palavra reconstitui-se bem, porque do S ainda resta a parte superior. Na l. 6, o *ordinator* terá omitido os pontos, dado haver espaço bastante entre as siglas; não se enxergam vestígios da 3ª sigla, que reconstituimos V.

Sobre a importância das dedicatórias a I. O. M. como forma de a população mostrar a sua adesão à cultura oficial não vale a pena acrescentar nada ao muito que sobre esse tema se tem escrito. A tese de Manuel Leitão<sup>1</sup>, se outro mérito não tivesse, apresenta-nos esse de fornecer o inventário da ocorrência desse tipo de epígrafes em território actualmente português. Também esta foi patentada pelos qualificativos *Optimus* e *Maximus*.

O dedicante identifica-se com os *tria nomina*, sem filiação — quer por não ser 'oportuna' num texto à divindade, quer por ter origem indígena, é o que se costuma designar por *peregrinus*. Pertence a uma família assaz conhecida em *Olisipo* e no *ager Olisiponensis*<sup>2</sup>, a dos *Cassii*, e o facto de lhe ter sido dado *cognomen* formado a partir do gentilício mostra grau avançado de aculturação por parte da família.

Ultrapassa a dezena e meia de testemunhos epigráficos do nomen Cassius em Olisipo e no seu território. Foram agentes abastados da população, se pensarmos que tem seu nome um célebre balneário da cidade, as termae Cassiorum<sup>3</sup>, e que um dos Cassii

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Leitão (Manuel), Fontes Epigráficas para o Estudo do Culto a Júpiter em Portugal. Castelo Branco: Euedito, 2022.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Navarro Caballero (Milagros) e Ramírez Sádaba (José Luis), *Atlas Antro- ponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus 2003, p. 135-136, mapa 80.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Silva (Rodrigo Banha da) e NOZES (Cristina), «As Thermae Cassio-

foi comerciante de azeite e deixou memória dessa sua actividade numa inscrição da Andaluzia<sup>4</sup>. Tem-se assinalado a possibilidade de os *Cassii* olisiponenses estarem relacionados, do ponto de vista comercial, com os de *Balsa<sup>5</sup>*, tendo em conta que é *L. Cassius Celer* um dos beneméritos que contribuiu para a construção do pódio do circo dessa cidade<sup>6</sup>. Aliás, já há muito que essa propensão para o comércio, por parte de elementos da *gens Cassia*, foi assinalada: Livia Bivona<sup>7</sup> refere que, sendo originária da África Proconsular, a *gens Cassia* cedo se estabeleceu na Sicília a fim de melhor gerir os seus negócios.

Não admira, pois, que um dos seus elementos – para mais de pertença acentuada por lhe ter sido dado o *cognomen Casssianus* – ofereça este altar ao deus maior dos Romanos, agradecendo os benefícios recebidos e, simultaneamente, num apelo a que Júpiter o continue a proteger.

Alexandra Figueiredo <sup>8</sup>

José d'Encarnação <sup>9</sup>

rum», in Fernandes (Lídia) e Fernandes (Paulo Almeida), Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo – A capital urbana de um município de cidadãos romanos – Espaço(s) de representação da cidadania. Lisboa: Câmara Municipal, 2020, p. 69-79; Encarnação (José d'), «As termas dos Cássios em Lisboa: ficção ou realidade?», in Jean-Gérard GORGES et alii [edit.], Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade, Câmara Municipal de Cascais, 2009, p. 481-493, http://hdl.handle.net/10316/12857

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> LOYZANCE (Marie-France), «À propos de Marcus Cassius Sempronianus Olisiponensis, diffusor olearius», *Revue des Études Anciennes*, 88, 1986, p. 273-284.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> DIAS (Maria Manuela Alves), «A *familia* romana – Evolução na continuidade», in CAESSA (Ana) e CAMPOS (Ricardo) [coord.], *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo – Monumentos Epigráficos*. Lisboa: Câmara Municipal, 2019, p. 51.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Encarnação (José d'), *Inscrições Romanas do* Conventus Pacensis — *Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra, 1984, inscrição nº 76.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> BIVONA (Livia), «La *gens Cassia* tra Africa e Sicilia», *L'Africa Romana* IV 1987 489-492.

<sup>8</sup> Centro de Geociências / Laboratório de Arqueologia e Conservação do Património Subaquático – Instituto Politécnico de Tomar.

Oentro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.



